

# CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA - SUPLEMENTO  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY - SUPPLEMENT 4.2

ORGS.

Amílcar Guerra · Hermenegildo Fernandes  
Nuno Simões Rodrigues · Martim Aires Horta



הַכֹּל רֵאָתָה עֵינַי  
OS MEUS OLHOS  
VIRAM TODAS ESSAS COISAS

ESTUDOS EM HOMENAGEM  
A JOSÉ AUGUSTO RAMOS

TOMO II

CH  
UL



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**SUPLEMENTO | SUPPLEMENT**

**4**

**הוֹ-כֵּל רְאֵתָהּ עֵינַי**

*Os meus olhos viram todas essas coisas*

Estudos em Homenagem a José Augusto Ramos

**TOMO II**

**Organizadores:**

Amílcar Guerra  
Hermenegildo Fernandes  
Nuno Simões Rodrigues  
Martim Aires Horta



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

SUPLEMENTO 4 | SUPPLEMENT 4

## TOMO II

### Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

### Editores Adjuntos | Co-editors

Agnês García-Ventura (Universitat Autònoma de Barcelona), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Breno Batistini Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

### Título | Title

הָן כָּל רְאוּתָה עֵינַי

*Os meus olhos viram todas essas coisas. Estudos em Homenagem a José Augusto Ramos.*

### Organizadores do Suplemento | Supplement Organisers

Amílcar Guerra, Hermenegildo Fernandes, Nuno Simões Rodrigues, Martim Aires Horta

### Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Carlos Pereira, Gonçalo Matos Ramos, Inês Simão Sebastião, João Correia da Conceição, Sofia Beato

### Revisão Editorial | Copy-Editing

André Margado, Carlos Pereira, Gonçalo Matos Ramos, Inês Simão Sebastião, João Correia da Conceição, Martim Aires Horta, Sofia Beato

### Comissão Científica do Suplemento | Supplement Editorial Board

Alberto Bernabé Pajares (Universidad Complutense de Madrid), Arnaldo do Espírito Santo (Universidade de Lisboa), Gregório del Olmo Lete (Universitat de Barcelona), Jan N. Bremmer (Rijksuniversiteit Groningen), José Barata-Moura (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra), Manuel José Clemente (Patriarcado de Lisboa), Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra), Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata de Azevedo Cruz (Universidade de Lisboa).

### Comissão Científica da Revista | Journal Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vitta (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

### Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

### Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

### Imagem da Capa | Cover Image

Almada Negreiros, *A fuga dos hebreus do Egipto conduzidos por Moisés*, 1961  
Gravuras Incisas da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa  
Fotografia de Amílcar Guerra

### Impressão | Print: SERSILITO - EMPRESA GRÁFICA

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

ISBN: 978-989-8068-42-2

Depósito legal (Cadmo): 54539/92

Depósito legal: 524995/23

Tiragem: 250 exemplares

### Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon

Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL

Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63

cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020. This work is financed by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology, I.P. in the scope of the projects UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

אמר הרבי מרז'ין:

כשם שהאותיות הקדושות בלי הנקודות אין להן קול והנקודות בלי האותיות אין להן קיום, כך תלויים הצדיקים והחסידים אלו באלו. הצדיקים הם האותיות, והחסידים הנוסעים אליהם הם הנקודות, החסידים צריכים לצדיק, אבל לא פחות מזה צריך הוא להם, שעל־ידיהם יוכל להתעלות, ועל־ידיהם יוכל חס ושלום לרדת; הם נושאים את קולו, הם מפיצים את מעשיו בעולם.

O Rabi de Ruzhyn disse:

Tal como as consoantes sem sinais massoréticos não têm som, e os sinais sem letras não têm onde se agarrar, assim também os mestres (*Tsadikim*) e discípulos (*Hassidim*) se penduram uns nos outros. Os mestres são as letras e os discípulos que vão ter com eles são os diacríticos. Os discípulos necessitam do mestre não menos do que este mesmo deles precisa: com eles se eleva e com eles, Deus o impeça, pode cair. Eles carregam a sua voz, eles ressoam o seu trabalho por todo o cosmos.

“Ditos de Israel de Ruzhyn (1796-1850)”

recolhidos por Martin Buber  
para *Contos dos Hassidim* (1946)



# ÍNDICE

- 15 **Noite chuvosa. Fecunda, porque disponível**  
Lopes Morgado
- 21 **IV - Medievos Abraâmicos**
- 23 **God's infinite freedom according to Anselm of Canterbury's *Cur Deus Homo***  
*A infinita liberdade de Deus segundo o Cur Deus Homo de Anselmo de Cantuária*  
Paulo Ricardo Martines
- 35 **Literacia, carisma, *status*:**  
**Diferenças e paralelismos no modelo escrituralístico islamo-cristão na Ibéria Medieval (um esboço)**  
*Literacy, charisma and status:*  
*Difference and parallels in the islamo-christian scripturalist model of Medieval Iberia (framework for further study)*  
Hermenegildo Fernandes
- 51 **Zoroastrianism and arab islamization**  
*Zoroastrianismo e islamização árabe*  
Maria João Tomás
- 65 **O rei Esmar e a "Batalha" de Ourique: Uma identificação a partir das fontes muçulmanas**  
*King Esmar and the so-called Battle of Ourique: An identification based upon the muslim sources*  
Inês Lourinho
- 81 **Estratégias onomásticas de uma linhagem. Um caminho para a ascensão dos de Sousa**  
*Onomastic strategies of a lineage. A path to the rise of the de Sousa family*  
João Correia da Conceição
- 105 **Os rostos e as vozes das mulheres em clausura: O poder do silêncio**  
*The faces and voices of cloistered women: The power of silence*  
Maria Filomena Andrade
- 119 **Os mosteiros portugueses na Idade Média: Um caso de estudo**  
*Portuguese monasteries in the Middle Ages: A study case*  
Julieta Araújo
- 133 **A livreria de D. Fernando, "O Infante Santo": Os textos litúrgicos**  
*The library of D. Fernando, "The Holy Prince": The liturgical texts*  
Armando Norte

- 167 **Judeus moradores em Lisboa, em documentos quatrocentistas do Arquivo da Casa do Duque de Cadaval**  
*Jewish residents in Lisbon, in fifteenth-century documents belonging to the House of the Duke of Cadaval Archives*  
 Bernardo de Sá-Nogueira
- 179 **“Quando morreu el-rei D. Afonso V”**  
**A boa memória do “Africano” num registo, de 1481, do Cabido da Sé de Coimbra**  
*“When the King D. Afonso V died”*  
*The good memory of the “Africano” in a register, from 1481, of the chapter of the cathedral of Coimbra*  
 Saul António Gomes
- 187 **V - Reencontros nas Modernidades**
- 189 **O Islão e a expansão portuguesa**  
*Islam and the Portuguese expansion*  
 António Dias Farinha
- 195 **“Um retorno ao Massacre de 1506”**  
**Os judeus que moravam em Lisboa na época do massacre.**  
*“A Return to the Massacre of 1506”*  
*The Jews who lived in Lisbon at the time of the massacre.*  
 José Alberto Rodrigues da Silva Tavim
- 207 **Ritmos de preocupação com o Turco nas primícias do Estado da Índia (1505 – 1515): as cartas de Afonso de Albuquerque em análise**  
*Measuring the Turk's menace in the early stages of the State of India (1505-1515): Analysing the letters of Afonso de Albuquerque*  
 Gonçalo Matos Ramos
- 225 **Jerónimo Osório e a sua Paráfrase ao Livro de Job**  
*Jerónimo Osório and his Paraphrase to the Book of Job*  
 Geraldo Morujão
- 237 ***Limae labor et mora* em António Ferreira: A tragédia *Castro***  
*Limae labor et mora in António Ferreira: The Castro tragedy*  
 Nair de Nazaré Castro Soares
- 249 **Apontamentos para a História da Sexualidade em documentos inquisitoriais**  
**Primeira visitação do Santo Ofício ao Brasil. Confissões da Bahia 1591-92**  
*Notes to the History of Sexuality in inquisitorial documents*  
*First visitation fo the Holy Office to Brazil. Confessions of Bahia 1591-1592*  
 Arnaldo do Espírito Santo

- 261 **Estrutura e ação no licenciamento das artes de cura especulativas no Portugal quinhentista: O caso do físico Tomás da Fonseca**  
*Structure and agency in the licensing of speculative healing arts in sixteenth century Portugal: The case of the physician Tomás da Fonseca*  
Luís Ribeiro Gonçalves
- 279 **Discrepâncias do Humanismo Português na Época Moderna**  
*Portuguese Humanism peculiarities in Modern Age*  
Elvira Azevedo Mea
- 291 **O primeiro capítulo da secção “De coitu” do *De universa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro: Visão geral e tradução**  
*The First Chapter of the Section “De Coitu” of Rodrigo de Castro’s De universa mulierum medicina: Overview and Translation*  
Bernardo Mota
- 307 **Uma carta do Clero Galicano sobre a provisão dos Bispados Portugueses (1651)**  
*A letter from the Gallican Clergy about the provision of Portuguese Bishoprics (1651)*  
André Simões
- 319 **Leituras de Tácito na obra do Padre António Vieira**  
*Readings of Tacitus in Vieira’s works*  
Maria Cristina Pimentel
- 335 **Utopia sem Miopia**  
**Índios, Colonos e Jesuítas em duas cartas inéditas do Padre António Vieira. Introdução, transcrição e versão do latim**  
*Utopia without Myopia*  
*Indians, Settlers and Jesuits in two unpublished letters by Father António Vieira. Introduction, transcription and translation*  
José Carlos Lopes de Miranda & Carlos Alberto de Seixas Maduro
- 359 **Francis Bacon e uma utopia cooperativa**  
*Francis Bacon and a cooperative utopia*  
Maria Luísa Ribeiro Ferreira
- 367 **Podere e bens das rainhas no Império Português (séculos XVII – XVIII): Para um estudo preliminar**  
*Powers and goods of the queens in the Portuguese Empire (XVII-XVIII<sup>th</sup> centuries): For a preliminary study*  
Maria Paula Marçal Lourenço
- 377 **Clima, catástrofes naturais e epidemias nos Açores setecentistas**  
*Climate, natural disasters and epidemics in 18<sup>th</sup> century Azores*  
José Damião Rodrigues

- 393 **O *ius cosmopolitanum* de Kant: Um legado da “Escola Ibérica da Paz” na tardia Modernidade?**  
*Kant’s ius cosmopolitanum: A legacy of the ‘Iberian School of Peace’ in Late Modernity?*  
Leonel Ribeiro dos Santos
- 413 **VI - Paisagens Contemporâneas**
- 415 **A Religião Visível. Os usos sociais do conflito na Europa contemporânea**  
*The Visible Religion. The social uses of conflict in contemporary Europe*  
Alfredo Teixeira
- 425 ***Quelque chose de pourpre*: Flaubert e a construção da imagem de Cartago**  
*Quelque chose de pourpre: Flaubert and the construction of Carthage’s image*  
Francisco B. Gomes
- 439 **Augusto Soromenho (1834-1878), professor do Curso Superior de Letras e epigrafista**  
*Augusto Soromenho (1834-1878), lecturer at the Curso Superior de Letras and epigraphist*  
Amílcar Guerra
- 455 **Creating a portuguese biblical network: The British and Foreign Bible Society in Portugal in the transition between the 19<sup>th</sup> and the 20<sup>th</sup> century**  
*Criar uma rede bíblica portuguesa: A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em Portugal na transição dos século XIX e XX*  
Rita Mendonça Leite
- 473 **Das pesquisas no Egito ao megalitismo do Ocidente da Península Ibérica: Georg Leisner (1870-1957) e as redes internacionais da investigação arqueológica**  
*From research in Egypt to the megaliths of Western Iberia: Georg Leisner (1870-1957) and the international networks of archaeological research*  
Ana Catarina Sousa & Michael Kunst
- 493 **Por Alvito, com Fialho de Almeida**  
*Through Alvito, with Fialho de Almeida*  
Emília Salvado Borges
- 513 **Schwarz 1880-1953. Judeu português, historiador e arqueólogo**  
*Samuel Schwarz 1880-1953. Portuguese jew, historian and archaeologist*  
João Medina
- 523 **Extraordinária Ordem: Fátima, afectos religiosos e a imaginação política católica em Portugal (c. 1910 – c. 1950)**  
*Extraordinary order: Fátima, religious affects and the catholic political imagination, c. 1910-c.1950*  
Tiago Pires Marques

- 543 **Trajes brancos para esconder a nudez: Mudança de roupa como metáfora da vida cristã, no Novo Testamento e em C. S. Lewis**  
*White garments to cover nakedness: clothes changing as a metaphor for christian life in the New Testament and in C. S. Lewis*  
Rui Miguel Duarte
- 561 **Jorge de Sena, “Como a Gilgamesh...”, em *Quarenta Anos de Servidão***  
*Jorge de Sena, “Como a Gilgamesh...”, in Quarenta Anos de Servidão*  
Helena Carvalhão Buescu
- 563 **A Bíblia em BD: Um exemplo da história da queda de Saul e da ascensão de David**  
*The Bible in Comics: An example of the story of the fall of Saul and the rise of David*  
Inês Simão Sebastião
- 585 **Sobre o tempo e o Natal em António Arnaut**  
*On time and Christmas in António Arnaut*  
Delfim Leão
- 593 **Daniel and Apocalypse: scapegoats for 21<sup>st</sup> Century Violence?**  
*Daniel e Apocalipse: bodes expiatórios para a violência no séc. XXI?*  
Ana T. Valdez
- 605 **VII - Traduzir, interpretar, historiar**
- 607 **Ambiguidades e trivializações, em tradução: Aporias e responsabilidades**  
*Ambiguities and trivialities, in translation: Aporia and Responsibility*  
Aires A. Nascimento
- 619 **Ásia: Contributo para uma genealogia**  
*Asia: Notes for a genealogy*  
Luís Filipe Barreto
- 643 **Vergílio, o clássico da Europa, porquê?**  
*Vergil, the classic of Europe, why?*  
Luís Manuel Gaspar Cerqueira
- 653 **A universalidade da Hermenêutica: Dilthey e Gadamer**  
*The universality of Hermeneutics: Dilthey and Gadamer*  
Carlos João Correia
- 667 **Magalhães, uma biografia de Stefan Zweig e a escrita da História**  
*Magalhães, a biography from Stefan Zweig and the writing of History*  
Armando Martins

- 683 **Interrogações sobre uma h(H)istória de Portugal...**  
de John Dos Passos, ou construções de um discurso historiográfico...  
*Inquiries into a History/story of Portugal...*  
*by John Dos Passos, or the making of a historiographical discourse...*  
Ana Paula Menino Avelar
- 693 **Pensare o Farne a Meno? La Scelta tra Certezza e Libertà**  
*To Think or Not to Think: The choice between certainty and freedom*  
Maria Fernandes
- 703 **O caleidoscópio levantino entre memórias, paradoxos e enigmas**  
*The levantine kaleidoscope among memories, paradoxes and enigmas*  
Teresa M. L. R. Cadete
- 715 **O papel e os desafios do tradutor bíblico: O caso da tradução interconfessional em Português Corrente**  
*The role and challenges of the Bible translator: The case of the Interconfessional Translation in Current Portuguese*  
Timóteo Cavaco



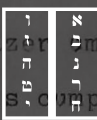
Mordecai Ardon, Ribeira de Kidron (נהל קדרון), 1942  
Museu de Israel, Jerusalém - © Ardon Estate  
Fotografia © The Israel Museum, Jerusalem por Yoram Lehman

e ainda para a nova sementeira." 25 Eles responderam: " ~~mas~~ ~~salvaste-nos~~ Você salvou-nos a vida". Se nos quiser fazer esse favor, de bom grado ficaremos a ser escravos do faraó.

26 E assim José ~~estabeleceu~~ decreteou que em todo o Egipto, ~~até hoje~~ <sup>que acontece até hoje.</sup> se entregasse ao faraó a quinta parte das colheitas, Só as terras dos sacerdotes é que não ficaram a pertencer ao faraó.

Última vontade de Jacob

~~27~~ 27 Israel estabeleceu-se no Egipto, na região de Gossen, adquiriram propriedades ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ e a sua família cresceu até se tornar muito numerosa. 28 Jacob viveu dezassete anos no Egipto e estava com <sup>ento</sup> cento e quarente e sete anos de vida. 29 ~~aproximava-se~~ <sup>então</sup> Israel <sup>sentiu</sup> que estava próximo o dia em que teria de morrer e mandou chamar o seu filho José e disse-lhe: " Se me queres fazer <sup>um</sup> favor, põe a tua mão debaixo da minha coxa <sup>meu</sup> e jura que vais <sup>suprir</sup> cumprir fielmente o meu pedido. <sup>Pecote que</sup> não me sepultes no Egipto. <sup>30</sup> Quando eu tiver morrido, para me juntar aos meus antepassados, leva-me ~~do Egipto~~ daqui e vai-me sepultar no sepulcro deles." José respondeu: " Farei tudo como me pediste." 31 Mas Jacob ~~pediu~~ insistiu: " Jura-me." José jurou e Israel inclinou-se sobre a cabeceira da cama.



VII - TRADUZIR, INTERPRETAR, HISTORIAR

Jacob abençoa Efraim e Manassés

48

1 Algum tempo depois foram anunciar a José que o seu pai estava ~~doente~~ estava mal e José levou consigo os seus dois filhos, Efraim e Manassés. 2 Alguém foi anunciar a Jacob: " Vem aí o teu filho José." E então Israel fez um esforço e conseguiu sentar-se na cama. 3 Jacob disse a José: " O Deus <sup>Supremo</sup> ~~todo poderoso~~ ~~El~~ ~~Chadai~~ apareceu-me em Luz, na terra de Canã e abençoou-me, 4 dizendo: " Eu vou fazer com <sup>que</sup> a tua família cresça e se torne <sup>em</sup> muito numerosa, de modo que de ti surgirão muitas nações, e <sup>vou</sup> dar es-



# Interrogações sobre uma *h(H)istória de Portugal...* de John Dos Passos, ou construções de um discurso historiográfico...

*Inquiries into a History/story of Portugal...*  
by John Dos Passos, or the making  
of a historiographical discourse...

Ana Paula Menino Avelar

CHAM - Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

Centro de Estudos Clássicos e Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Ana.avelar@uab.pt |  0000-0003-0482-3832

**Resumo:** Usando os conceitos de reminiscência e memória aborda-se o modo como John dos Passos escreveu a sua *The Portugal story: Three Centuries of Exploration and Discoveries*, partindo do propósito enunciado por José Augusto Ramos de que a escrita executa como que uma “anatomia cultural”. É tendo em atenção essa mesma anatomia, que neste artigo para além de brevemente se contextualizar o conjunto da produção de Dos Passos, se analisa o tecer de uma escrita da História, onde a memória do sujeito participa como um instrumento de desocultação de um domínio imperial ao longo dos séculos.

**Palavras-chave:** historiografia; John dos Passos; expansão; memória; modernismo.

**Abstract:** Using the concepts of reminiscence and memory, we approach the way John dos Passos wrote his *The Portugal story: Three Centuries of exploration and Discoveries*, based on the aim stated by José Augusto Ramos that writing performs a kind of “cultural anatomy”. It is by keeping that same anatomy in mind that this article, besides briefly contextualising the whole of Dos Passos’ set of works, analyses the process of writing History, where the individual’s memory participates as an unveiling device of an imperial domain throughout the centuries.

**Key-words:** historiography; John dos Passos; expansion; memory; modernism.

Antes de me debruçar sobre as específicas construções historiográficas de John dos Passos e da tradução em língua portuguesa de *The Portugal story: Three Centuries of Exploration and Discoveries* importa registar, como proémio a esta deambulação analítica, reminiscências de um tempo pretérito, usando este conceito na dupla acepção de *mnēmē* e *anamnēsis*, isto é:

... pour designer d’une part le souvenir comme apaisant, passivement à la limite, au point de caractériser como affection-*palbos*-sa venue à l’esprit, d’autre part le souvenir comme objet d’une quête ordinairement ordinairement dénommée rappel, recollection.<sup>1</sup>

Essas reminiscências prendem-se com a minha frequência do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa. Foi nas aulas de José Augusto Ramos que mergulhei, como muitos colegas, nos percursos da escrita de uma História Antiga, descobrindo pela sua segura orientação textos, como o poema épico de Gilgamesh, e os modos como este tocava alguns dos temas do Genesis. Escutei então, a defesa de quão importantes são os exercícios hermenêuticos no fazer da História, e como são múltiplas as fontes de que nos podemos servir. Já então ecoavam os sentidos que muito mais tarde seriam escritos, nomeadamente quando num artigo se debruçou sobre o fim do mundo pré-clássico:

Ao pegar nos temas essenciais de uma civilização, a escrita realiza como que uma anatomia cultural: destrói e desmonta, mas também rotula e define, classifica, sistematiza e conserva.<sup>2</sup>

O discurso épico que tanto me tocava surgia naqueles distantes dias como um instrumento para ler um passado tão longínquo, não deixando o Professor José Augusto Ramos de me confiar, após a correção de um trabalho meu, e perguntando-me porque é que eu escolhera História, que também os estudantes de História deviam dominar o exercício da escrita, devendo tal qualidade não ser só apanágio de quem cursava as então Línguas e Literaturas. Para mim, que me debatera com a dificuldade em escolher o curso, esta aliança Literatura-História, onde a epopeia participava, revelou-se como a confirmação de uma escolha. Ainda que não conhecesse a língua original, estes textos fundadores cruzariam os meus dias através das palavras de outros, como Pedro Tamen, que, tomando a edição de Nancy K. Sandars, fez sair em 1986 o seu *Gilgamesh*. Já em 2003, Andrew R. George publicou o seu muito exaustivo estudo sobre esta obra, sinalizando que:

This book is fundamentally a work of textual reconstruction. It seeks to establish an accurate text of the Babylonian *Gilgamesh* for use as a tool in the study of ancient Mesopotamian literature and thought. I have not brought to it the fashionable methodologies of modern literary criticism; that is for others to do.<sup>3</sup>

Na esteira deste trabalho, outros a revisitariam, como Francisco Luis Parreira, que na introdução à sua tradução anotada e ao explicitar a sua história, forma e *corpus* poético alerta o leitor para o facto de o texto não estar totalmente recuperado:

Essa recuperação não está completa e é de esperar que novos achados arqueológicos venham aprofundar o nosso conhecimento do texto nas suas sucessivas reescrituras. Os seus temas são a glória terrena, a experiência da perda e a busca malograda da imortalidade.<sup>4</sup>

Amplio esta acção hermenêutica como uma das chaves do meu exercício analítico, o da recuperação do contexto, ainda que siga a advertência de Anthony Grafton, quando alerta que este, o contexto, não pode ficar refém dos dados encontrados para explicar o texto, mas

2 Ramos 2004, 37.

3 George 2003, v.

4 Parreira 2019, 11.

sim proceder a uma análise formal aprofundada das interconexões existentes entre os vários cenários de produção e recepção da obra.<sup>5</sup>

Ainda que não tenha mergulhado no mundo antigo, ao longo dos anos estas reminiscências pessoais de um mundo passado foram subliminarmente fluindo nas escolhas investigativas que fui e vou trilhando. Assim, ao escolher debruçar-me sobre o texto de John dos Passos *The Portugal story: Three Centuries of Exploration and Discoveries* e a sua tradução para língua portuguesa, revisito, paralelamente às minhas reminiscências, as de um autor, que nesta nossa modernidade, exercitou o princípio aristotélico de distinção entre o trabalho do poeta, leia-se escritor, e do historiador:

... não é ofício de poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verosímil e necessariamente. Com efeito, não diferem o historiador do poeta, por escreverem em verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), – diferem sim, em que diz um as coisas que sucederam, e o outro as que poderiam suceder.<sup>6</sup>

Recorde-se que na obra de Dos Passos, marcadamente ficcional, o seu modernismo expressa-se pelo recurso a múltiplas técnicas narrativas. Atente-se como na sua trilogia *U.S.A.*, composta por *The 42nd Parallel*, que apareceu em 1930, 1932, publicado dois anos depois, e *The Big Money* (1936), o autor mistura vários tipos de registos do real com a ficção. Estas narrativas socorrem-se de:

... four basic modes – The ‘Camera Eye’ glimpses; newsreels and newspaper collages; factual biographies of leading Americans; and several fictional factual stories about individuals – to built up a massive portrait, historically factual, anarchistically critical, of the U.S.A. from 1900 to the Depression.<sup>7</sup>

Mas não é o trabalho enquanto escritor que é o foco desta análise, toma-se o modo como Dos Passos revisitou o seu passado familiar, ampliando essa revisitação através da escrita de uma H(h)istória, a de Portugal e da sua presença num espaço extra-europeu. Nas reminiscências em torno da sua ascendência portuguesa ele deambulou pelas suas raízes, escrevendo *The Best Times. An Informal Memoir* (1968), procurando radicá-la na busca de uma condição histórica. Subscrevo Carlos Azevedo quando afirma:

He would write about other scenes from childhood in his memoir *The Best Times*, published three years before *The Portugal story: Three Centuries of exploration and Discovery*, his very personal view of Portuguese history which appeared just a year before his death, being the ultimate expression of Dos Passos familiarity with the country of his ancestry.<sup>8</sup>

The imediato o próprio título de *The Portugal story: Three Centuries of Exploration and Discovery* joga com esta dupla concepção de História, enquanto discurso historiográfico e “história”, como percurso individual, em que a memória participa. Nesta narrativa reflectem-se

5 Grafton 2009, 214.

6 Arist. *Pa* 1451b, trans. Sousa 1966, 117.

7 Bradbury et McFarlane 1985, 617.

8 Azevedo 2010, 17.

as afirmações de Paul Ricour em torno da historicidade do discurso historiográfico por volta dos anos sessenta do século passado:

History is history only insofar as it has not attained either absolute discourse or absolute singularity, insofar as its meaning remains confused, mixed... History is essentially equivocal, in the sense that is virtually *événementielle*, concerned with events, and virtually structural.<sup>9</sup>

É manipulando esta ambivalência que Dos Passos redigiu o que considerou ser os três séculos da presença portuguesa nos espaços extra-europeus. No seu texto corporiza-se a aliança que Fernando Catroga sistematiza como participante da formação do “eu”:

A formação do *eu* será, assim, inseparável da maneira como cada um se relaciona com os valores da(s) sociedades e grupo(s) em que se situa e do modo como, à luz do seu passado, organiza o seu percurso como *projecto*. Qual mónade, ele é um microcosmos constituído pela síntese que resulta do trabalho que a mediação subjectiva opera sobre as várias influências exteriores.<sup>10</sup>

Mas Dos Passos redigiu igualmente narrativas históricas que se centraram fundamentalmente sobre os pais fundadores, como *The Ground we Stand On: Examples From The History Of A Political Creed* (1949), onde o discurso se constrói sobre figuras fundacionais americanas do que se pode considerar como a “Jeffersonian democracy”, refiro-me às figuras de Thomas Jefferson, Joel Barlow, Benjamin Franklin, Samuel Adams e Hugh Henry Brackenridge. Fê-lo a par da escrita de *The Head and Heart of Thomas Jefferson* (1954) e *The Men Who Made the Nation: The architects of the young republic 1782-1802* (1957). Nesta última narrativa, Dos Passos tocou as personalidades de Alexander Hamilton, James Madison, John Adams e George Washington. Em 1964, John Dos Passos regressou a Thomas Jefferson, com o livro *Thomas Jefferson: The Making of a President*. Nele procuraria transmitir o modo como o protagonista teria intervido e sido influenciado pelos acontecimentos do seu tempo, antes do termo do seu primeiro mandato como presidente. Os tempos revolucionários e a intervenção na Declaração de Independência dominaram a sua narrativa.

A sua escrita teceu-se no espaço da reconstrução de uma memória colectiva, publicando, em 1966, *The Shackles of Power- Three Jeffersonian Decades*, epitome do que considerou ser o ciclo narrativo em torno de Jefferson e dos “pais fundadores”, evocando as figuras de James Madison, James Monroe e John Quincy Adams. Para além da representação desta “época dourada” americana, já anteriormente tinha saído a obra de *Mr. Wilson's War: From the Assassination of Mckinley to the Defeat of the League of Nations* (1962), onde seriam abordadas as duas primeiras décadas do século XX, comentando-se os acontecimentos em torno da I Guerra Mundial, através da figura de Woodrow Wilson. Dos Passos explicitaria que um dos instrumentos centrais para a seleção das inúmeras informações disponíveis sobre este período fora a sua *aproximação pessoal* aos acontecimentos, confiando nas suas memórias.

9 Le Goff 1992, 105.

10 Catroga 2009, 15.

Tal procedimento fluiria na sua *The Portugal Story: Three Centuries of Exploration and discovery* (1969), objecto desta análise. Dos Passos serve-se das recordações nas suas múltiplas naturezas:

... sujets multiples de mémoire: mémoire heureuse, mémoire apaisée, mémoire réconciliée, telles seraient les figures du bonheur dont notre mémoire fait vœu pour nous-même et pour nos proches.<sup>11</sup>

O seu discurso historiográfico construiu-se a partir de dois *topoi*: o da “Idade de Ouro Americana” e o da “Idade de Ouro de Portugal”. Refira-se que no prefácio à edição portuguesa (Março de 1970), inexistente na edição inglesa, ele declararia:

Para o meu pai, que guardava apenas meia fidelidade para com a deslumbrante América interessera em que passara a vida, estes laços com a tradição significavam muito. Ao tornar-me mais velho, também eu tomei consciência dessa parte da herança portuguesa que me corria nas veias. Este livro é, de certo modo, um sacrifício feito sobre os altares ancestrais.

Foi uma longa e dura tarefa, mas o trabalho de preparação trouxe-me descobertas tão espantosas como os descobrimentos dos primeiros navegadores. Na universidade tinha feito bastantes leituras das crónicas inglesas primitivas, e de Froissart e Comines, mas nada me prepara para a diversidade e clareza dos relatos das testemunhas oculares, desses antigos portugueses como Vaz de Caminha, Álvaro Velho, Gaspar Correa e o inimitável padre Álvares. Na verdade como disse Camões no seu poema introdutório a uma das primeiras histórias do Brasil, os grandes exploradores viajavam com a espada numa mão e a pena na outra.<sup>12</sup>

Desde já importa destacar que, para além da imediata referência a Pero Vaz de Caminha e à sua Carta sobre o Achamento do Brasil, Dos Passos cita o terceto escrito por Luís de Camões a D. Leonis Pereira, que foi integrado na *História da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (1575) de Magalhães Gândavo. A referência, não é a um verso escrito por Camões na sua épica, como qualquer leitor incauto de imediato esperaria, mas sim a um poema que integraria uma história sobre o domínio da coroa portuguesa, no espaço sul americano. Ao longo da sua H(h)istória de Portugal, tanto Luís de Camões, como a sua obra maior, *Os Lusíadas*, são várias vezes convocados. Deparamo-nos com uma significativa referência aos últimos anos de vida do poeta<sup>13</sup> e ao estilo da sua épica, a qual é detalhada e impressivamente analisada. Atente-se como cinematicamente fluem detalhes esparsos, mas impressionantes de uma memória poética de um tempo passado:

Se lermos as estrofes em voz alta, com o seu ritmo constante, obtemos um efeito empolado, como o da música de Handel, dois séculos mais tarde. Tal como a *Odisseia*, o poema é uma epopeia do mar, cheia do odor do peixe e das madeiras chiando, e da ressaca que espuma nos cabos e nas ondas do oceano. Os ritmos pomposos estão enfeitados com uma abundância de pormenores naturalistas, de modo que, a pouco e pouco, as cenas verdadeiras do grande empreendimento, a gabarolice, o derramamento de sangue, a ambição do ouro e das pedras preciosas, o encanto das descobertas, a exultação do império, ultrapassam a estrutura formal. Seja como for, *Os Lusíadas* continuam a ser a expressão literária marcante do período áureo português.<sup>14</sup>

11 Ricoeur 2000, 646.

12 Dos Passos 1970b, vi.

13 Dos Passos 1970b, 428.

14 Dos Passos 1970b, 429.

A voz de Camões, evocada ao leitor através do poema inserto na *História da província de Santa Cruz*... de Pero de Magalhães Gândavo, é translida por Dos Passos. No referido terceto o poeta proclama através do testemunho de Mercúrio que:

Nunca Alexandre ou César nas confusas  
Guerras deixaram o estudo um breve espaço,  
Nem armas das ciências são escusas.  
Numa mão livros, noutra ferro e aço,  
A uma rege e ensina, e outra fere,  
Mais com saber se vence que com braço.<sup>15</sup>

O Brasil surge, assim, como o espaço mediador do contacto. Dos Passos já tinha anteriormente escrito sobre este país, no seu livro, *Brazil on Move* (1963), onde condensou, a par dos relatos sobre as viagens que realizou àquele espaço nos anos de 1948, 1956 e 1962, as impressões sobre o ressurgimento económico daquele imenso país. As memórias auditivas participam da reconstrução de um tempo. Como Jocelyn Cardenas exemplarmente precisou:

The motif of instruments being played, voices singing, or objects vibrating, is a vibrant part of the diegetic onscreen story in the Dos Passos travel narrative. A country's music is often presented with other sounds that reinforce the theme of nativism or traditionalism but counter the visual imagery of industrialization and modernization ... Dos Passos, in *Brazil on the Move*, uses the sounds of Brazilian samba, the national and iconic musical genre and symbol of Brazil, as counterpoint to the sounds of foreign or industrial build up by the progressive political rhetoric of Brazilian politicians.<sup>16</sup>

Importa ter em atenção que a quinta e última parte do *Portugal – Três séculos de expansão e descobrimentos*<sup>17</sup> se intitula “Portugal na América”, sendo o Brasil o tópico do seu discurso historiográfico. Em amplas pinceladas Dos Passos descreve em 4 tópicos esta presença, começando por “Os anos do naufrágio”, continuando em “Os Jesuítas no Brasil” e “Os cem anos de exploração”, e concluindo com “Os Brasileiros”. As suas últimas palavras são sobre o mês de agosto de 1966 e a viagem numa “casa flutuante” no rio Araguaia. O encontro com um casal que habitava nas suas margens leva Dos Passos a escrever:

Havia serenidade neste homem e nesta mulher, e estavam tão à vontade na selva imensa, que era difícil deixá-los. Foram pessoas como aquelas, disseram os viajantes, homens e mulheres felizes onde quer que se encontrassem, que tinham explorado os quarto cantos do mundo e os continentes americanos. Agora povoavam o Brasil.<sup>18</sup>

Mas analise-se, em sincréticas pinceladas, esta escrita desta H(h)istória de Portugal. Desde já importa notar que o autor agradece a todos os que o teriam auxiliado na recolha de informações para este livro: “Tantas pessoas foram prestáveis durante a minha última viagem através de Portugal a fim de verificar o material para este livro, que é quase impossível agradecer

15 Gândavo 2004, 30.

16 Cardenas 2004, 98-99.

17 Título em português da obra *The Portugal Story: Three Centuries of Exploration and Discovery*.

18 Dos Passos 1970b, 466.

a todas.<sup>19</sup> O autor verbaliza condensadamente aquilo que Fernando Catroga enuncia como o conceito epistémico de memória: “Significa isto que a recordação, enquanto presente-passado, é vivência interior na qual a identidade do *eu*, ou melhor, a ipseidade, unifica os diversos tempos sociais em que participa.”<sup>20</sup> As recordações de Dos Passos marcam o discurso, mediatizadas pelo processo de interiorização da experiência social, onde a memória pessoal é incluída na construção da socialização e na transformação do que cada indivíduo recebe como herança.<sup>21</sup>

A memória epistémica de John Dos Passos evidencia-se na referência ao contacto esporso com a família de seu avô e à lição diária de Latim, que, em 1905, teria tido no jardim do velho Reid’s Hotel no Funchal, aquando da sua primeira visita a esta cidade com seu pai:

Tinha oito anos quando ele [o pai] me levou ao Funchal. Lembro-me das visitas e um primo idoso que me dava, no jardim do velho Reid’s Hotel, uma lição diária de latim. O meu pai, quando se referia a ele, chamava-lhe o Doutor Virgílio. Usava uma barbicha grisalha e uma sobrecasaca um tanto ou quanto no fio. Trazia todos os dias, à minha mãe, um grosso molho de rosas do seu jardim. Comunicávamos uns com os outros em francês. As suas maneiras eram cerimoniais. É claro que agora sei que era uma personagem tirada de Eça de Queirós. Disseram-me que o Doutor Virgílio sabia de cor toda a *Eneida*, e ainda hoje acredito que era verdade.<sup>22</sup>

Só mais tarde Dos Passos conseguira identificar as referências culturais, mas o convívio que estabeleceu com os círculos culturais portugueses são bem patentes nas evocações que faz dos seus amigos Afonso do Paço, reconhecido arqueólogo, e Lindley Cintra, reputado professor da cultura portuguesa. Dos Passos referiu a visita que o primeiro fez às então recentes escavações no campo de batalha de Aljubarrota, e ao Museu Arqueológico de Belém, porém as informações facultadas pelo segundo são subliminarmente expostas através das fontes de que socorreu para escrever os seus capítulos sobre a História de Portugal. Para a historiografia contemporânea esta obra testemunha a investigação que, ao tempo, estava a ser desenvolvida em Portugal, no âmbito dos estudos históricos e algumas das redes culturais que foram então tecidas.

Dos Passos assinalou no seu texto os documentos a que teve acesso na Torre do Tombo e inventariou toda uma série de fontes que os investigadores portugueses analisavam, muitas vezes pela primeira vez, naqueles anos de 1960. Atente-se exactamente no recurso que fez às *Lendas da Índia* de Gaspar Correia, sinalizando os elementos estruturantes da vida deste cronista, nomeadamente a frota em que Correia tinha embarcado para a Índia e a sua permanência em terras do Oriente.<sup>23</sup> A biografia deste cronista começava a ser desocultada nesta primeira metade do século XX,<sup>24</sup> ainda que os primeiros traços tivessem saído com a primeira publicação do manuscrito no final do século XIX, momento em que o mesmo é dado a conhecer à comunidade académica.<sup>25</sup> Dos Passos escreveria:

19 Dos Passos 1970b, vii.

20 Catroga 2009, 12.

21 Catroga 2009, 15.

22 Dos Passos 1970b, v.

23 Dos Passos 1970b, 299.

24 Avelar 2003, 19-22.

25 Correia 1858, v-xxx.

As *Lendas da Índia* de Gaspar Corrêa, descrevem os acontecimentos com tanta vivacidade, do ponto de vista do homem médio, que temos a impressão de ter conversado e convivido com as pessoas de que ele nos fala.<sup>26</sup>

O autor usa as gravuras que Gaspar Correia colocara no seu manuscrito, servindo-se delas não como mera ilustração da sua narrativa, mas sim como integrando e precisando o seu texto. Dos Passos respeita e cumpre o desígnio do cronista que se serviu exactamente do desenho como complemento da sua escrita. Ele reafirma este propósito, considerando que:

Além de aperfeiçoar uma prosa colorida e divertidamente anedótica, tinha um jeito especial para o desenho.<sup>27</sup> Fez esboços de governadores e vice-reis com quem esteve em contacto, e no estilo dos diários de bordo dos pilotos, desenhou perfis de cidades e de pontos de referência que visitou. As suas *Lendas da Índia* são ainda uma das crônicas mais brilhantes que iluminam a História portuguesa.<sup>28</sup>

É através do desenho que Dos Passos representou um dos agentes da coroa de Portugal na formulação do que considerou ser “o amansar da Índia”. A gravura apareceu na edição em língua inglesa, mas não na primeira tradução portuguesa:



Fig.1. Afonso de Albuquerque (Gaspar Correia [1530-60], fl. 8)

26 Dos Passos 1970b, 470.

27 Ao tempo pensava-se que Gaspar Correia teria sido o autor dos desenhos.

28 Dos Passos 1970b, 299.

Afonso de Albuquerque tinha cinquenta e seis anos quando foi empossado no cargo de governador da Índia. No esboço do retrato que nos legou Gaspar Corrêa, é apresentado como um homem baixote e severo, de olhos muito grandes, nariz muito comprido e uma barba que lhe chegava até à cintura. Tem o dedo erguido num gesto de admoestação.<sup>29</sup>

A última secção de *Portugal – Três séculos de expansão e descobrimentos* intitula-se “Notas sobre fontes de informações e leituras básicas”; porém, para além destes, outros registos cruzam a narrativa. O autor sinaliza os “artífices” da História, identificando autores como João de Barros, Damião de Góis, Miguel de Castanhoso, D. João de Castro, Nicolo de Conti, Alvide da Cadamosto... entre tantos outros. A par da referência aos percursos de vida e às obras produzidas, são brevemente descritos os contextos historiográficos em que se integram.

É através de um exercício discursivo, que se serve da dupla dimensão de narrar a História e a história, que Dos Passos expõe os três séculos de expansão e descobrimentos de Portugal. Ainda que parta da exposição sintética de “Como começou Portugal” (primeira parte) o seu *topos* matricial é o de uma idade de ouro imperial. Logo na segunda parte assinalam-se os “Herdeiros dos aventureiros”, na terceira refere-se “A opulência da Índia”, na quarta evidencia-se o “Auge do Império” e na última, como já foi anteriormente assinalado, destaca-se “Portugal na América”.

Em cada uma destas secções o autor mapeia os modos encontrados pela coroa portuguesa para ampliar os seus domínios. Assim, surge, logo na primeira parte, o capítulo sobre “O oceano da escuridão” e na segunda parte, o segundo, debruça-se sobre “A maioridade do reino português”. Já os restantes foram dedicados à presença nos espaços extra-europeus. Tal acontece igualmente em toda a terceira parte, com um breve excuroso onde se sinalizam as alianças matrimoniais de D. Manuel. Na quarta parte, Dos Passos analisa o que considera ser o desígnio imperial, concluindo-a com um capítulo sintomaticamente designado por “Renúncia ao mundo”. Este inicia-se e com a descrição de uma imagem de S. Martinho que teria visto num convento abandonado na serra da Arrábida:

É a figura de um homem de aspecto grosseiro, com uma barba preta em forma de pá, pendente da cruz. Uma faixa cobre-lhe os olhos. Os ouvidos estão tapados. Tem a boca selada por um cadeado que lhe atravessa os lábios. Há no peito dele um buraco de fechadura, talvez para o caso do Espírito Santo querer abrir-lhe o coração transviado. Os braços estão presos aos braços da cruz. Numa das mãos tem uma vela, noutra um azourraque. Debaixo dos pés toscos um pequeno satanáas contorce-se, crispado sob o peso da santa abnegação.<sup>30</sup>

O tom intimista prossegue nas últimas linhas, mergulhando o leitor na leitura de Dos Passos numa contra-reforma asfíxiante. A última parte é, como já foi sinalizado, “Portugal na América”, cujo ciclo se encerra com o capítulo sobre “Os Brasileiros”. As derradeiras palavras de Dos Passos é para o encontro em 1966 com um casal que numa canoa vivia no rio Araguaia. Uma nota... sobre África, o silêncio...

29 Dos Passos 1970b, 285.

30 Dos Passos 1970b, 432.

Para Dos Passos fechou-se o ciclo da H(h)istória, do observador e do escritor do “século do Homem da Rua”, do *modernista* que descobriu na leitura das crônicas portuguesas dos séculos XV e XVI uma leitura/literatura do mundo.

Neste vislumbre da filigrama que constitui o discurso historiográfico de John Dos Passos, o seu *The Portugal story: Three Centuries of Exploration and Discoveries*, ou na versão portuguesa *Portugal – Três séculos de expansão e descobrimentos*, não pode ser analisado como uma mera digressão, mais ou menos memorialista, de um homem sobre um passado ancestral. Este texto participa intimamente de um contexto autoral e ilumina um tempo pretérito, onde, como escreveu Le Goff:

Memory, on which history draws and which it nourishes in return, seeks to save the past in order to serve the present and the future. Let us act in such a way that collective memory may serve the liberation and not the enslavement of human beings.<sup>31</sup>

## REFERÊNCIAS

- Avelar, Ana Paula Menino. 2003. *Visões do Oriente-Formas de Sentir do Portugal de Quinzentos*. Lisboa: Colibri.
- Azevedo, Carlos. 2010. “The colors of a Nation: Portugal in John Dos Passos’s Stream-of-Memory.” In *John Dos Passos-Biography and Critical Essays*, ed. M. Z. Gonçalves de Abreu et B. Guido de Vasconcelos, 14-22. Newcastle: Cambridge Scholars.
- Bradury, Malcolm, et James McFarlane. 1985. *Modernism-1890-1930*. Harmondsworth: Penguin.
- Cardena, Jocelyn. 2004. *The Cinematic in the travel narratives of John Dos Passos and Graham Greene*. PhD Dissertation. University of Hawai’i at Mānoa. URL.: <https://tinyurl.com/86vk2scn> (10/10/2021).
- Catroga, Fernando. 2009. *Os Passos do Homem como Restolho do Tempo-Memórias e Fim do Fim da História*. Coimbra: Almedina.
- Correia, Gaspar. [1530-60]. *Livro Segundo das Lendas da Índia*. Códices e documentos de proveniência desconhecida. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.
- . 1858-66. *Lendas da Índia*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- Dos Passos, John. 1970a. *The Portuguese Story: Three Centuries of Exploration and Discovery*. London: Robert Hale & Company.
- . 1970b. *Portugal-Três séculos de expansão e descobrimentos*. Amadora: Ibis.
- Gândavo, Pêro de Magalhães. 2004. *Primeira História do Brasil – História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- George, Andrew. 2003. *The Babylonian Gilgamesh Epic: Introduction, Critical Edition and Cuneiform Texts*. Oxford University Press.
- Grafton, Anthony. 2009. *Worlds made by Words: scholarship and community in the Modern West*. Washington D.C.: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data.
- Le Goff, Jacques. 1992. *History and memory*. New York: Columbia University Press
- Parreira, Francisco Luís, 2019. “Introdução.” In *Épico de Gilgamesh*, ed. F. L. Parreira, 11-13. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Ramos, José Augusto. 2004. “Sobre o fim do mundo pré-clássico.” *Biblos*, n.s., 2:11-57.
- Ricoeur, Paul. 2000. *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris: Seuil.
- Sousa, Eudoro de, ed. 1966. Aristóteles. *Poética*. Lisboa: Guimarães.

31 Le Goff 1992, 99.



A carreira do Professor José Augusto Ramos marcou, na paisagem académica do nosso país e da lusofonia, o panorama da História da Antiguidade e dos Estudos Bíblicos, assim como várias gerações de historiadores, tradutores, investigadores, professores, pensadores e leitores. Com ele, aprendemos a pensar, a traduzir, a historiar. Estes dois volumes recolhem textos dos seus amigos, colegas, discípulos e alunos, em tributo à generosidade e influência de um Mestre, e guardam a memória institucional de um percurso de uma importância única para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e para os esforços multisseculares de tradução da Bíblia na nossa língua.

Imagens de capa e contracapa:  
Almada Negreiros, *A fuga dos hebreus do Egipto conduzidos por Moisés*, 1961  
Gravuras Incisas da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa  
Fotografia por: Amílcar Guerra